

SÉRIE MUNDO EM CAOS • VOL. 2



A PERGUNTA E A RESPOSTA

PATRICK
NESS

SÉRIE MUNDO EM CAOS • VOL. 2

A
PERGUNTA
E A
RESPOSTA

PATRICK
NESS

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright © 2009, 2013 Patrick Ness

Esta edição inclui o conto “O vasto, vasto mar”, publicado originalmente em 2014.

TÍTULO ORIGINAL

The Ask and the Answer

PREPARAÇÃO

Ilana Goldfeld

Sheila Louzada

REVISÃO

Carolina Vaz

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA E ILUSTRAÇÕES

© 2018 Walker Books Ltd.

Reproduzido com autorização de Walker Books Ltd,

Londres SE11 SHJ, www.walker.co.uk

ADAPTAÇÃO DE CAPA E ILUSTRAÇÕES

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N378p

Ness, Patrick, 1971-

A Pergunta e a Resposta / Patrick Ness ; tradução Edmundo Barreiros. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

528 p. ; 23 cm. (Mundo em caos ; 2)

Tradução de : The Ask and the Answer

ISBN 978-65-5560-138-1

1. Ficção americana. I. Barreiros, Edmundo. II. Título. III. Série.

21-68491

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

NOTA DA EDITORA

A série *Mundo em caos* é repleta de singularidades. Lançado originalmente no Reino Unido em 2008, o primeiro volume repercutiu em todo o mundo, sendo publicado em mais de trinta países. Patrick Ness se tornou referência não só para a literatura jovem, como também para escritores de fantasia e ficção científica.

O universo distópico de *Mundo em caos* é estruturado de forma bastante detalhada, criativa e coerente; nele, a linguagem marca o nível social e cultural dos personagens, além de ter papel fundamental na trama. Os leitores já tiveram esse gostinho no volume 1, e agora Todd, Viola, o Novo Mundo e os Ruídos estão de volta em uma trama arrebatadora e imperdível.

Nesta edição de *A Pergunta e a Resposta*, também optamos, em determinados momentos, pela linguagem coloquial a fim de respeitar o estilo do autor em sua língua de origem, o inglês. Ao longo de toda a história o leitor encontrará marcas de oralidade que não são mero acaso. Diversas ocorrências de colocação pronominal, ortografia e formas verbais, consideradas inadequadas pela gramática normativa da língua portuguesa, fazem parte de nossa tentativa de recriar o vasto universo de Patrick Ness.

É hora de embarcar mais uma vez nessa jornada.

BOA LEITURA!

Ao lutar contra monstros
tome cuidado para não se transformar
em um deles.

Ao olhar fixamente para o abismo,
o abismo olha para você.

Friedrich Nietzsche

O FIM

— SEU RUÍDO REVELA VOCÊ, Todd Hewitt.

Uma voz...

Na escuridão...

Abro os olhos. Tudo é sombras e borrões, e parece que o mundo está girando, meu sangue está quente demais, meu cérebro está entupido e não consigo pensar e está escuro...

Eu pisco de novo.

Espera aí...

Não, *espera*...

Agora mesmo, *agora mesmo* a gente estava na praça...

Agora mesmo ela estava nos meus braços...

Ela estava *morrendo* nos meus braços...

— Cadê ela? — Eu cuspo no escuro, sentindo gosto de sangue, a voz rouca e meu Ruído subindo que nem um furacão aparecendo do nada, alto, vermelho e furioso. — CADÊ ELA?

— Quem faz as perguntas aqui sou eu, Todd.

Essa voz.

A voz *dele*.

Em algum lugar no escuro.

Em algum lugar atrás de mim, em algum lugar que não dá pra ver.

O prefeito Prentiss.

Eu pisco de novo e a escuridão começa a tomar a forma de um cômodo enorme. A única luz vem de uma janela, um círculo largo, alto e lá longe, não de vidro transparente, mas colorido e com as formas do Novo Mundo e suas duas luas, a claridade jorrando inclinada sobre mim, e mais nada.

— *O que você fez com ela?* — pergunto bem alto, piscando várias vezes porque o sangue fica escorrendo e caindo no meu olho.

Eu tento levantar o braço pra limpar o rosto, e nisso eu descubro que as minhas mãos estão presas às costas, e meu pânico aumenta e eu tento me soltar. Minha respiração fica mais rápida e eu grito de novo:

— *CADÊ ELA?*

Um soco vem do nada direto na minha barriga.

Eu me dobro pra frente com a dor, e aí percebo que estou amarrado numa cadeira de madeira, meus pés presos nas pernas da cadeira. Minha camisa ficou perdida em algum lugar no alto de uma encosta empoeirada, e, enquanto estou vomitando mesmo de estômago vazio, reparo que o chão é forrado, um carpete com as mesmas formas do Novo Mundo e suas luas, formando um padrão que se repete sem fim pra todo lado.

Começo a lembrar que estávamos na praça, na praça pra onde eu corri segurando ela, carregando ela, falando pra ela ficar viva, pra ficar viva até a gente achar um lugar seguro, até a gente chegar em Refúgio — e eu poder salvar ela...

Mas não tinha *nenhum* lugar seguro, nenhum, era só *ele* e os homens dele, e eles levaram ela, *arrancaram* ela dos meus braços...

— Percebe que ele não pergunta onde está? — fala a voz do prefeito, saindo dali, de algum lugar. — A primeira coisa que diz é *Cadê ela?*, e o Ruído diz o mesmo. Interessante.

Minha cabeça está latejando, assim como minha barriga, e estou despertando mais e me lembrando que *lutei* contra eles, lutei contra eles quando eles levaram ela, até que a coronha de uma arma me atingiu na têmpora e me derrubou na escuridão...

Engulo o nó na garganta, engulo o pânico e o medo...

Porque isso é o fim, não é?

O fim de tudo.

O prefeito me pegou.

O prefeito pegou ela.

— Se você machucar ela... — digo, a barriga ainda doendo do soco.

O sr. Collins está parado na minha frente, meio na sombra. O sr. Collins, que plantava milho e couve-flor e que cuidava dos cavalos do prefeito e que agora está bem aqui com uma pistola no coldre, um rifle nas costas e o braço já pronto pra me dar outro soco.

— Ela já parecia bem machucada, Todd — o prefeito diz, impedindo o soco do sr. Collins. — Pobrezinha.

Cerro os punhos amarrados. Meu Ruído parece desajeitado e meio surrado, mas mesmo assim fica mais alto quando lembro da arma de Davy Prentiss apontada pra gente, e ela caindo nos meus braços, ela sangrando e arfando...

Então eu faço ele ficar ainda mais vermelho, porque fico pensando em mim dando um soco na cara do Davy Prentiss, no Davy Prentiss caindo do cavalo, o pé prendendo no estribo e ele sendo arrastado feito um monte de lixo.

— Bem — o prefeito diz —, isso explica o mistério por trás do paradeiro do meu *filho*.

E se eu não conhecesse ele muito bem podia pensar que ele está achando isso quase *divertido*.

Mas percebo que só consigo reparar nisso pela voz dele, uma voz mais penetrante e inteligente do que qualquer velha voz de Prentisstown que ele podia ter tido, e que o nada que eu ouvi vindo dele quando cheguei correndo em Refúgio ainda é um grande nada nesse cômodo, e é o mesmo grande nada vindo do sr. Collins.

Eles não têm Ruído.

Nenhum deles.

O único Ruído aqui é o meu, berrando feito um bezerro ferido.

Tento virar a cabeça pra ver o prefeito, mas dói demais virar muito. Só consigo perceber que estou sentado bem onde cai esse único facho de luz do sol empoeirado e colorido, no meio de um cômodo tão grande que eu quase nem enxergo as paredes lá longe.

Então eu vejo uma mesinha no escuro, mas está afastada preu não ver o que tem em cima.

Só vejo o brilho do metal, prometendo coisas que eu não quero pensar.

— Ele ainda pensa em mim como prefeito — diz a voz dele, que sai leve e divertida outra vez.

— É presidente Prentiss agora, garoto — o sr. Collins grunhe. — É melhor você se lembrar disso.

— O que vocês fizeram com ela? — pergunto, tentando me virar outra vez, de um lado pro outro, e me encolhendo com a dor no pescoço. — Se você *tocar* nela, eu...

— Você chegou na minha cidade hoje de manhã — o prefeito me corta. — Sem ter nada, nem uma camisa, carregando uma garota que tinha sofrido um acidente terrível...

Meu Ruído aumenta de volume.

— Não foi nenhum *acidente*...

— Um acidente muito sério, na verdade — o prefeito continua, a voz mostrando pela primeira vez a impaciência que ouvi quando a gente se encontrou na praça. — Tão sério que ela está quase morta, e aqui está o garoto que gastamos tanto tempo e tanta energia tentando encontrar, o garoto que nos causou tantos problemas. Ele está se entregando *espontaneamente*, está se oferecendo para fazer qualquer coisa que desejarmos, contanto que *salvemos a garota*, e ainda assim, quando tentamos fazer exatamente isso...

— Ela está bem? Está segura?

Aí o prefeito para de falar e o sr. Collins vem pra perto de mim e me dá um tapa com as costas da mão. A dor se espalha pela minha bochecha por um momento que dura um tempão e eu fico ali sentado, arfando.

Então o prefeito avança pro círculo de luz, fica bem na minha frente.

Ele continua com as suas roupas boas, bem-passadas e limpas de sempre, como se não tivesse nenhum homem por baixo delas, só um bloco de gelo falante. Até o sr. Collins está com marcas de suor e sujeira e o cheiro que seria de se esperar, mas não o prefeito, ele não.

O prefeito faz você parecer uma sujeira que precisa ser limpa.

Ele me encara e se abaixa pra me olhar bem nos olhos.

Então ele vem e me pergunta, como se fosse só por curiosidade:

— Qual o nome dela, Todd?

Fico surpreso.

— O quê?

— Qual o nome dela? — ele repete.

Claro que ele sabe o nome dela. Aposto que isso aparece no meu Ruído...

— Você sabe o nome dela — respondo.

— Eu quero que você me diga.

Olho pro sr. Collins, ali parado de braços cruzados, o silêncio dele não ajudando em nada a disfarçar essa cara de que ficaria muito feliz em me bater até me derrubar no chão.

— Mais uma vez, Todd — o prefeito diz, num tom animado. — E eu quero muito que você responda. Qual o nome dela? A garota do outro mundo.

— Se você sabe que ela é de outro mundo, deve saber como que ela se chama.

Então o prefeito sorri, um sorriso *de verdade*.

O que me deixa com mais medo que nunca.

— Não é assim que funciona, Todd. Funciona assim: eu pergunto e você responde. Agora me diz: qual o nome dela?

— Onde ela está?

— Qual o nome dela?

— Me diz onde ela está e eu digo o nome dela.

Ele dá um suspiro, como se estivesse decepcionado comigo. Então acena com a cabeça pro sr. Collins, que chega mais perto e me dá outro soco na barriga.

— É muito simples, Todd — o prefeito diz enquanto eu vomito no chão. — É só você me dizer o que eu quero saber e isso acaba. A escolha é sua. Eu não quero te machucar mais.

Estou respirando com dificuldade, curvado pra frente, a dor na barriga tão forte que me falta o ar. Sinto o peso do meu corpo puxando as amarras nos meus punhos e sinto o sangue grudento secando no meu rosto. Olho com a visão embaçada pra além dessa minha pequena prisão de luz no meio desse cômodo, esse cômodo sem saída...

Esse lugar onde eu vou morrer...

Esse lugar...

Esse lugar onde ela não está.

E alguma coisa dentro de mim faz a escolha.

Se isso é o fim, então alguma coisa dentro de mim decide.

Decide não dizer.

— Você sabe o nome dela — falo. — Me mata se quiser, mas você já sabe o nome dela.

E o prefeito só fica me olhando.

O minuto mais longo da minha vida se passa com ele me observando, me analisando, vendo que estou falando sério.

Então ele vai até a mesinha de madeira.

Eu tento ver, mas as costas dele escondem o que ele está fazendo, só ouço ele mexendo numas coisas em cima da mesinha e um barulho de metal raspando a madeira.

— *Faço qualquer coisa que você mandar* — ele diz, e entendo que ele está repetindo pra mim as minhas próprias palavras. — *Salva ela que faço qualquer coisa que você mandar.*

— Eu não tenho medo de você — digo, mesmo com o meu Ruído dizendo o contrário, e fico imaginando todas as coisas que podem estar naquela mesa. — Não tenho medo de morrer.

NA ELETRIZANTE CONTINUAÇÃO DE *MUNDO EM CAOS*,
AMEAÇAS PAIRAM SOBRE O NOVO MUNDO E SE INTENSIFICAM
QUANDO UM R AZUL SURGE POR TODA PARTE...

O Novo Mundo não é mais o mesmo. A promessa de paraíso a cada dia se revela um pesadelo. Nos primeiros anos de colonização do planeta, um germe brutal transformou o pensamento dos homens em um fluxo caótico e incessante de sons, o Ruído. Além disso, infectou e dizimou todas as mulheres. Ao menos era o que Todd Hewitt achava até conhecer Viola... Depois de anos de paz, uma nova guerra se anuncia.

Quando Todd fugiu de Prentisstown, enfrentou provações e descobriu segredos terríveis. Agora ele se vê cercado de inimigos e obrigado a encarar inúmeras crueldades para tentar proteger Viola, sem ao menos saber se ela está viva. É nesse cenário incerto que dois grupos vão travar um arriscado embate. De um lado, a poderosa Pergunta. Do outro, a bombástica Resposta. Do que serão capazes para conquistar seus objetivos, mesmo com a existência do Novo Mundo em risco?

A Pergunta e a Resposta é o segundo volume da trilogia *Mundo em caos*, uma distopia de tirar o fôlego que nos lança em uma acirrada batalha pelo poder. Publicada em mais de trinta países, a série consagrou Patrick Ness como um dos maiores nomes da literatura jovem e o primeiro volume ganhará uma adaptação cinematográfica estrelada por Tom Holland e Daisy Ridley.

SAIBA MAIS EM:

www.intrinseca.com.br/livro/1032/